# Master Negative Storage Number

# OCI00048.38

Neves, F.M.P.

Despedida de José do Telhado a sua mulher

Rio de Janeiro

1877

Reel: 48 Title: 38

# BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
## PRESERVATION OFFICE
## CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

## RLG GREAT COLLECTIONS
## MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
## JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number: OCI00048.38

Control Number: BGO-3728
OCLC Number : 25171972
Call Number : W 381.5698 P8383 no. 7
Author : Neves, F. M. P.
Title : Despedida de José do Telhado a sua mulher, filhos e amigos seguida dos ultimos momentos de sua vida e a despedida de sua esposa: Anna Lentina de Campos / por F.M.P. Neves.
Imprint : Rio de Janeiro : Livraria de A.T. de Castro Dias, 1877.
Format : 16 p. ; 17 cm.
Note : Cover title.
Note : In verse.
Subject : Chapbooks, Brazilian.
Added Entry : Neves, F. M. P.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9-29-94
Camera Operator: CG

# DESPEDIDA

DE

# JOSÉ DO TELHADO

A SUA MULHER, FILHOS E AMIGOS

SEGUIDA DOS ULTIMOS MOMENTOS DE SUA VIDA.

E a despedida de sua esposa:

ANNA LENTINA DE CAMPOS

POR

F. M. P. NEVES.

**Rio de Janeiro**

LIVRARIA DE A. T. DE CASTRO DIAS.
154—RUA DAS VIOLAS—154
1877

W
381.5698
P8383
no.7

AUG 21 1911

# DESPEDIDA

## DE

# JOSÉ DO TELHADO

### A SUA MULHER, FILHOS E AMIGOS

José Teixeira da Silva,
Vulgo José do Telhado,
Vai por mim ser decantado,
Com amor, e paixão viva.

Nasceu elle n'uma aldeia,
Chamada de Castellões;
Que segundo as tradicções,
Teve vida horrenda e feia!

Esta herança de familia,
(Cumprio alem o seo fado;)
Seo pai Joaquim do Telhado,
Commandou uma quadrilha!

Assim ganhava dinheiro,
Sustentava sua casa;
Com todos fazia vaza,
Por ser um bom quadrilheiro!

Sempre occultando a familia,
O seo modo de viver;
Não dando a ella entender,
Ser capitão da quadrilha!

Tambem José tinha um tio,
Homem valente e tyranno;
Chamava-se; Sodiano,
Sem pundonor, honra e brio.

Fez immensas gentilezas,
Foi um perfeito ladrão;
Pois na Serra do Marão,
Fez elle muitas proezas!

José foi bem educado,
Passou a vida ditosa;
Sua vida melindroza
Não combinou com seo fado!

Com quatorze annos de idade,
Namorou-se d'uma prima;
Por quem de paixão se anima
Consagrando-lhe amizade.

Anna Lentina de Campos,
Era o nome desta amada;
Com que mais tarde se vio
José com ella casada.

AUG 15

Porem, o pai de Lentina,
Ambicionando riqueza;
Vendo José na pobreza
Não quiz casar a minina.

Quando José ia a caça,
Para distrahir paixões;
Via nessas solidões
Pas musas a melhor graça!

Deixava alem a montanha,
Para estar junto da bella;
A conversar a janella,
Até que o peixinho apanha!

José vendo o grande amor,
Que consagrava a D. Anna;
Com a paixão mais insana,
Faz ao tio sabedor.

Confessa ser devedor
Da honra de sua prima;
A quem adora e estima,
Emquanto elle vivo fôr.

O tio ficando bravo,
Sem lhe dar satisfações;
Lança-o fóra aos empurrões,
Como se fòra um escravo!

Zangado José com isso,
Vai direito a Lisboa;
Quasi perdido, e atôa
Entrega-se ao precipicio!

Nos lanceiros da Rainha,
Assenta praça; José,
Por perder amor, e fé,
E zangado como vinha!

Tendo bom comportamento,
Caprichozo como era;
Teve aasim melhor esphéra
Breve o fizerão sargento.

Prestou sempre bons serviços,
Quando marchou p'ra campanha;
Emigrou-se p'ra Hespanha
Fez emfim taes sacrificios!

Depois recebeu da prima
Uma missiva amoroza;
Que annunciava a saudoza;
União de quem s'estima.

Consintia o pai de Anna
Que José a despozasse;
Que com ella s'enlassasse
Visto a paixão ser insana!

José, o bravo Sargento,
Tratou de obter a baixa;
E incontinente marcha,
Para fazer o casamento!

Finalmente foi casado,
José Teixeira da Silva;
E de Anna a paixão viva,
Foi seu peito assaz curado!

Recebendo algum dinheiro,
Dote não muito escassez;
Das mãos do tio francez
Que out'rora foi marralheiro!

José contente e sadio
Passava a vida ditosa
Junto da prima formosa
E retirado do tio.

Repartia com os pobres,
O comer de sua mesa;
Remidiando a pobresa,
Com essas acções tão nobres!

Pouco tempo recebeu
José, o nome de pai;
E assim caminhando vai
Sobre o laço que o prendeu!

. . . . . .

Foi José, escolhido
Para chefe ou capitão;
De certa revolução
Apezar de ser bandido!

Mostrou sua valentia,
Seu nome causou alarma
Com a sua antiga arma
Que era da cavallaria.

Salvou a vida do senhor.
Visconde Sá da Bandeira;
E assim pela vez primeira
Foi José seu defensor!

Este feito de bravura
Ficou na mente gravado;
Pelo senhor Sá da Bandeira,
Foi José condecorado!

A commenda «Torre e Espada,»
Recebêo-a para o peito;
Pe'o brioso rasgo feito,
Nesta tremenda emboscada!

Depois José do Telhado
Desta offerta, a gloria ter;
Foi como era esperado.
Abraçar sua mulher.

Abençoando seos filhos,
Com transporte de alegria;
E de sua vida os trilhos,
A fortuna lhe sorria!

Porem, como pouco dura,
Ventura e felicidade;
José, pobre creatura
Cahiu na mendicidade!

Quazi em inteira pobreza
Se vio José, e seos filhos;
Caminhando em novos trilhos,
Na estrada da incerteza!

Recorreu aos seus amigos,
Com a maior intimidade;
Todos forão inimigos
Do obolo da caridade.

Delle não fazião caso,
Com geral ingratidão;
Sua vida em grande atraso,
Seos filhos, pedindo pão!...

E assim se vendo José,
Sem ter meios p'ra viver;
Perdeu a crença, e a fé,
De mais nadá quiz saber.

Atirou-se ao precipicio,
Dezesperado da vida;
Com coragem dezabrida
Entra na senda do vicio!...

. . . . . .

José, caminhava triste,
A cumprir o seo fadario!
Com o pensamento vario
Sua carreira reziste!

Ei-lo na senda do crime!...
Não respeitando. . . ninguem...
E assim vai elle alem,
Ninguem do povo o oprime!

Furioso qual o raio,
Faz elle o crime primeiro;
Recebendo algum dinheiro
Por este pequeno ensaio!

A um pobre viajante,
Que tambem era casado;
Rouba-o José do Telhado,
E assim caminha avante!

Depois que mitiga a fome
De sua mulher e filhos;
Nos seos olhos novos brilhos
O faz perder honra, e nome!

Porem, essa baça luz
Que offusca a vista, que cégal
Ao infeliz mais se apéga
Abraçado aos pés da cruz!

E assim arrependido
D'um viver infortunado;
Fica seo nome manchado
Seo coração compungido!

José, foi aconselhado
Para uma casa assaltar;
D'um amigo acompanhado,
(De um amigo exemplar!)

José, no roubo que fez
Segundo a historia... (allude;)
Por esta segunda vez
O crime honrou a virtude!

José, faz terceiro roubo
Para manter sua familia;
Chefe foi d'uma quadrilha
E ninguem mais lhe poz cobro!

A um sujeito aguadeiro
Por querer virar valente;
Apanhou incontinente,
E ficou sem o dinheiro!

A este, caro leitor
José, se mostrou distincto;
Dando-lhe de esmolla um pinto,
Para o sugeito se transportar!

Alem encontrou um pobre,
Que lhe deo mui forte secca;
E trazia uma rabeca
Com a qual ganhava o cobre.

De José recebe uns pintos,
E alegre vai p'ra festa;
Não esperava por esta
Acção de homens distinctos!

José, engana um barbeiro
Por querer ser mais esperto;
E n'um cavallinho esbelto
Foge Jozé mui ligeiro....

Jozé, fez muitas proezas,
Tambem immensos favores;
E no rol dos bemfeitores,
Nobres acções de grandezas!

Se a má vida se entregou,
Foi porque desesperado;
Se vio «José do Telhado»
Quando já pobre se achou!

Quando não tinha para dar,
Aos seus filhos que comer;
Neste cruel padecer,
José começa a roubar!

Mas no seo peito constante,
Palpitava a caridade;
Quando via o semelhante,
No auge da necessidade...

Roubava ao rico avarento,
Para dar ao pobre honrado;
Assim José do Tulhado,
Fazia a qualquer momento!

Embora fôra um bandido
Na sua Patria natal;
Fazia bem, fazia mal,
Roubava por um sentido.

Roubava porque soffria,
Sua familia, e seos filhos;
Não tendo para comerem,
Seguio elle horrendos trilho!

Escutai, leitores meus,
Os tormentos que passou;
José Teixeira da Silva,
Quando a roubar começou.

« Nasci, e fui mal fadado,
« Padeci crueis tormentos;
« Esses meus padecimentos,
« De todos fui o culpado!

« Matei... não nego a verdade,
« Roubei... não nego tambem;
« Fui malvado na cidade,
« E a muitos homens fiz bem!

« Roubava com mui destreza,
« Mas, sabia repartir;
« E sem ninguem me pedir,
« Repartia c'om a pobreza!

« Olhava para minha caza,
« Dava aos meos filhos o pão;
« Eu vivia n'uma braza,
« Nesta triste posição.

« E hoje que arrependido,
« Tenho a Deos! m'ajoelhado;
« Espero ser perdoado,
« E por Deos! ser attendido!

« Espero que seja ouvida
« Minha supplica... oh! meo Deos!
« E os crueis tormentos meus,
« Tenha em minh'alma guarida!

« Deos! sabedor dos destinos,
« Saberá recompensar,
« Os tormentos que passei,
« Para poder o pão ganhar!

« Para sustentar meus filhos,
« Minha esposa idolatrada;
« Caminhei errados trilhos
« N'uma vida desgraçada!

« Respeitei muito a virtude,
« A pobreza respeitei;
« Aos pobres esmollas dei,
« Emfim, eu fiz o que pude!

« Fiz christã uma criança,
« (Um rasgo de humanidade;)
« E na alta Divindade,
« Inda tenho uma esperança!

« Depois de tantos tormentos,
« De soffrer tyranna sorte;
« Espero p'ra allivio a morte.
« Para acabar os soffrimentos!

« Espero acabar meus dias,
« Já bastante arrependido!...
« Espero p'ra allivio a morte,
« Do Deos! nessas agonias!

« Eu, espero finalmente
« Na Divina Omnipotencia;
« Que terei della clemencia,
« Como submisso e crente!

« Eu, matei o Regedor:
« Gratifiquei aos soldados;
« E por mal dos meus peccados,
« Supportei cruenta dor!

« Levei um tiro nas costas,
« Quazi deixo de existir....
« Comtudo pude fugir,
« Servio de panno de amostras!

« Matei um meo companheiro,
« Lhe cravando uma tizoura!
« O valente aos meus pés... morra
« Disse eu, ao quadrilheiro!...

« Perseguido da policia,
« Fugi.... e fui me esconder;
« Esperando hora propicia,
« P'ra ninguem de mim saber!

« Procurei refugiar-me;
« Onde out'ora, criminoso;
« Um anjo bello, e formoso,
« Respeitei... sem adorar-me!

« Esta innocente minina,
« Um conselho m'aplica;
« E a mim consagra e dedica,
« Qual tem sido a minha sina!

« Nesta cruel condição,
« Da policia persiguido;
« Fiquei então resolvido
« Fugir de minha Nação!

« Para o Rio de Janeiro,
« Era pois minha carreira;
« Na Barca «Oliveira,»
« Me escondia mui ligeiro!

« Adeus espoza querida,
« Adeus patria adeus, adeus;
« Recebei oh! filhos meus,
« Minha triste despedida!...

« Recebei como penhor
« O coração de vosso pai;
« Que longe da patria vai,
« Compungido accerba dor!

« E vós esposa querida,
« A quem sempre firme amei;
« Meo triste adeus recebei,
« Meo amor, minh'alma e vida!

« Adeus Portugal querido,
« Patria de minha paixão;
« Recebei meo coração,
« E meo peito eternecido!

« Recebei d'um vosso filho,
« A mais sagrada oblação;
« Recebei minha Nação,
« Grato adeus d'um peralvilho.

« Um bandido generoso,
« Um homem pobre, e honrado;
« Protegendo ao desgraçado,
« Foi o meo pensar honroso!

« Se na cruel vida insana,
« Me atirei para viver;
« Fu soube reconhecer
« Minha esposa;—a bella Anna!

« José, seguio para a barca,
« Com destino a novas plagas;
« E do mar sulcando as vagas,
« Segue do mundo tal marca!

« E' preso a bordo, o coitado,
« José Teixeira da Silva;
« Ficando a paixão mais viva,
« Gravada n'um peito amado!

« E' preso o pobre coitado,
« E remittido a prisão;
« Pelo crime de ladrão,
« Em Portugal bem fallado!

D. Anna sua mulher,
Pezarosa da noticia;
Soube que tinha a policia,
Cumprido com seo dever.

Seo amado e grato esposo,
Conduzido era a prisao;
Pelo crime de ladrão,
E bandido furioso!

Transportado para Africa,
José Teixeira da Silva;
No seo peito a paixão viva,
Em grossa lida se trafica!

«Adeus minha amada esposa,
«Meus filhos em Portugal;
«Eu vos deixo p'ra signal,
«Gravado na minh' lousa!

«Aqui jaz quem foi no mundo,
«Um bandido sem igual:
«E não houve um segundo,
«Nas terras de Portugal!

«O mais valente e brioso,
«Salteador em nobreza;
«Que protegia a pobreza
«Com seo peito bondad zo!

«Que sabia apreciar,
«O pobre que precizava
«Que repartia o que roubava,
«A todos remediar!

«Que sabia com certeza
«Conhecer o homem honrado;
«E o seo dinheiro roubado,
«O entregava a pobreza!

Assim foi que o bandido,
Vulgo José do Telhado;
Para Africa deportado,
Foi seo corpo consumido!

Sua esposa abandonada,
Quazi que enloqueceu;
E na mizeria atirada,
Solitaria assim viveo!...

Eis os ultimos momentos,
De José Teixeira da Silva;
Que recordação mais viva.
Esculpio nesses tormentos!

O autor vem humilhado,
Receber vossa censura:
Desta obra que figura
Vulgo:—José do Telhado!

Desculpai não ficar boa,
Bem rimada, e bem composta;
Eu bem sei que o Leitor gosta,
Da fama que aos ares vôa!

Desculpai, inda vos peço,
Com amor, e paixão viva;
Tendes na mão vos confesso,
José Teixeira da Silva!

Os seos ultimos momentos,
Suas cruels agonias;
Seos tristes, e longos dias,
E seos terriveis tormentos!

Terminarão... veio a morte!
Cumprir sagrada missão;
E n'um puro coração,
Findar sua cruel sorte!

Acabou... ficando o nome:
« José Teixeira da Silva!... »
Su'alma vivendo altiva,
Immortal vive esse homem!

. . . . . .

E vós que tendes de sobra,
O tempo para estudar;
Deves comprar essa obra,
E vos servir de exemplar!

E vós que sigueis o trilho,
Qual seguio, esse infeliz;
Reparai no que elle diz
Tendo sido honrado filho.

Fugi das màs companhias,
Desta infame, e torpe raça;
Fugi... que mesmo de graça,
Nada ganhas nas orgias!

Morreo José do Telhado
De Portugal valentão!
O seo nome decantado
Por essa mesma Nação!

Na maior necessidade,
Com os ladrões se juntou;
Para sustentar seus filhos,
Ao semelhante rouboul

Seo bondoso coração,
E sua alma assaz bondoza;
O fizerão caminhar
Nesta estrada escabrozal

A justiça o perseguia,
Elle a patria abandonou;
E quando José fugia,
A policia o agarrou!

Foi preso, foi condemnado,
E soffreu com paciencia;
Não fazendo resistencia.
Para sempre degradado!

Pobre José do Telhado,
Na Africa foi morrer;
Depois de tanto soffrer,
E a muitos ter roubado!

Na Africa foi feliz
E por todos estimado;
Assim José do Telhado,
Foi segundo a historia diz.

Estando a patria em alvoroço,
José, firme se prestou;
Fazendo enorme destroço,
Com os selvagens acabou!

Eu lavarei com o sangue
De meu corpo sem igual;
As manchas de Portugal
E commigo ninguem mangue!...

E dizendo assim chorava
Lembrando a patria natal;
Onde soffreu todo mal
Mas comtudo a decantava:

—Eu sou José do Telhado,
Não achei inda rival;
Um bandido desgraçado,
Que respeitou;—Portugal!

—Embora longe da patria
Deste meu paiz natal;
Morrerei salvando a honra
Do meo lindo Portugal!

—Morro cheio de remorsos
O mais infeliz mortal...
Na Africa deixa os ossos
O filho de Portugal!

Deixou sua esposa e filhos,
Passando tristonhos dias;
E a lembrança do passado,
Foi a morte em agonias!

Acabou longe dos seus,
Longe da patria querida;
Descansou a triste vida,
Por assim permittir Deos!

Acabou longe d'aquella,
Esposa amante, extremosa;
E a memoria mais saudoza,
Gravada ficou só, nella!

E como valente heroe,
Que sua patria salvou;
Na su'alma inda lhe dóe
A patria que o desterrou!

Que segundo a tradicção,
(Vive a alma a'em da morte)
E nessa Etherea Mansão!
O premio terá por sorte!...

. . . . . .
. . . . . .

Aqui termino Leitor,
Esta obrinha p'ra memoria;
A qual foi pelo o aucthor,
Justificada pela Historia!

Pede desculpa o author,
Não ficar bem acabada;
Esta obra decantada.
Do grande salteador!

A todos cauzou pavor.
Um bandido sem igual;
José;—o grande senhor
E filho de Portugal!

José Teixeira da Silva,
Foi e será decantado;
Com amor e paixão viva
Vulgo;—José do Telhado!

# DESPEDIDA

DE

# ANNA LENTINA DE CAMPOS

A SEU ESPOSO

## JOSÈ TEIXEIRA DA SILVA

Lamentando sua sorte,
Ficou no mundo, «Lentina»
Cumprindo a marca da sina
Até a hora da morte!

«O que será oh! meu Deos!
«De mim viuva infeliz...
«Qual foi pois o mal que fiz,
«Para soffrerem os filhos meus?!...

«Cinco filhos, desprezados,
«Sem abrigo e protecção;
«(Talvez lhes neguem o pão)
«A estes pobres coitados!...

«Como poderei viver,
«Cheia de filhos e pobre!...
«Sem eu ter um'alma nobre.
«Que lhes dê o que comer!

«Deos! acompanhe na vida,
«O meu destino fatal!...
«E neste torrão natal,
«Espero ser soccorrida...

«Implore a Deos! protecção,
«Para cumprir bem o fado;
«Com cinco filhos ao lado,
«E a dor no coração!

«Pedindo andarei com elles,
«Por mui diversos logares;
«E exposta aos maus olhares,
«Porem não por causa delles!

«Pela Justiça Divina,
«E a morte de seo pai!
«O povo dirà—là vai
«A viuva Anna Lentina!

«A mulher que outr'ora altiva
«Sua belleza espargia;
«Não mais seu marido via,
«José Teixeira da Silva!

«Sem esposo e sem ventura
«Soffrerei cruenta dor;
«E o meu desgraçado amor,
«Terá fim na sepultura!!

«E vós meus filhos coitados,
«Que commigo caminhaes...
«O abrigo dos mortaes,
«Não vos será olvidado.

«Oh meu Deos! não posso,
«Peza-me muito essa Cruz;
«E' muito negro esse céo,
«Sem uma estrella de luz!

«Cumprindo o decreto vosso,
«Seguirei minha romagem;
«E nessa longa viagem...
«Oh! meu Deos! não posso!

«Macilenta e bassa luz,
«Não me deixa caminhar;
«Nem tão pouco carregar,
«Peza-me muito essa Cruz!

«De viuva o negro véo,
«Geme minh'alma infamante;
«Caminho no mundo errante,
«E' muito negro esse céo!..

«Qual Magdalena na Cruz,
«Junta aos pés do Redemptor!
«Succumbirei minha dôr,
«Sem uma estrella de luz!

Depois que José morreu,
De meus males maior cumulo;
Meo corpo a borda do tumulo,
Minha filha enloqueceu!

Esta infeliz creatura,
Vos pede por piedade;
«Uma lagrima de saudade,»
Sobre sua sepultura!!.

FIM

Typographia—Rua de Theophilo Ottoni—154